

O projeto de desigualdade que asfixia a felicidade brasileira. Entrevistas especiais com André Calixtre, Waldir Quadros e Vera Garcia da Silva

[Clique aqui para ver a notícia no site](#)

Quando Pedro II foi elevado ao trono, em 18 de julho de 1841, o primeiro chefe de Estado nascido no Brasil encontrou dificuldade para se desvencilhar de uma elite, então caracterizada pela corte, que parecia ter seus projetos próprios de Brasil, misturando-se a interesses pessoais. Na prática, enquanto o jovem imperador sonhava com a imagem de uma nação de brasileiros, sua claque parecia estar mais preocupada em assegurar a vida boa a partir do trabalho de uma população ainda escravizada (de fato e de direito) e mais pobre. Talvez essa não seja a origem da desigualdade no Brasil, mas desde então parece estar nos subterrâneos dos inúmeros projetos de nação, passando pelas duas fases da República, pela ditadura e rasgando o período conhecido como redemocratização, chegando forte nos dias de hoje. “O Brasil não é desigual por acidente. Ser [um país] desigual como o Brasil requer muito esforço. Nenhuma medida isolada vai resolver o problema, nem transformar o Brasil na França em um par de décadas. E olha que a França nem é o país mais igualitário do mundo, mas é um país razoável”. A frase bem poderia ser de Pedro II, apaixonado pela missão francesa e as tintas que usam para pensar o Brasil desde a chegada de sua família, mas é bem mais atual. É do economista Pedro Herculano de Souza, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - Ipea, que, em 2016, analisou a desigualdade brasileira desde o recorte de renda, na série histórica que vai de 1926 a 2013, em uma análise reproduzida pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Esse foi um período em que a economia parecia despertar para as desigualdades a partir da obra do economista francês Thomas Piketty, *O Capital no Século XXI* (São Paulo: Intrínseca, 2014). No IHU, muitos especialistas apontam que o caminho seria mesmo tributar as fortunas para tentar estreitar esse fosso das desigualdades no Brasil, uma das teses centrais do economista. “Piketty deixa a mensagem de que a sociedade precisa ser mais forte que a economia que a sustenta. O que acontece no século XXI não é a luta de classes, o operariado na fábrica. É mais perverso: é a luta de 1% (mais rico) contra todo o resto”, apontou o professor Flavio Comim, em 2015, quando refletia sobre as desigualdades do Brasil a partir do livro de Piketty. No entanto, o tempo passou, a realidade política e econômica mudou e só o que permaneceu foram as desigualdades. Pesquisa divulgada nesta semana pela FGV Social revela que o índice de Gini no Brasil, indicador que serve para medir a concentração de renda, no primeiro trimestre de 2020 estava em 0,642 e no primeiro trimestre deste ano alcançou a marca de 0,674, a maior da série analisada desde 2019. Embora muitos possam considerar que isso é apenas um dos efeitos da pandemia, o economista Marcelo Neri, que coordena esses estudos, aponta que na verdade a Covid-19 agudiza um cenário que já vinha ruim. “A pandemia veio em um momento de fragilidade trabalhista. O resultado é pior do que uma década perdida. Andamos para trás. O bolo de renda diminuiu, e diminuiu mais para os mais pobres”, observa em entrevista à Folha de São Paulo, com trechos reproduzidos pelo IHU. Felicidade? Vai-se embora. Falar da desigualdade não se trata somente de falar de renda, de quem ganha mais e quem ganha menos. É falar sobre empobrecimento, não ter o que comer e não saber quando será a próxima refeição. São essas as preocupações de muitos brasileiros hoje, enquanto uma fatia bem pequena da população segue no mantra de que para a crise é preciso criatividade, que no caso desses significa pensar outras formas de ganhar ainda mais. Para Maria Emília Lisboa Pacheco, assessora da ONG Fase - Solidariedade e Educação, que há muito tempo trabalha com segurança alimentar, não há como ter meias-palavras: o retorno da fome no Brasil está no centro dos interesses políticos e econômicos. “A sociedade e o Estado têm uma dívida histórica com camponeses pobres indígenas ex-escravos. A concentração fundiária é um problema social, político e econômico que passa por toda a nossa história desde a Colônia. Não realizamos uma verdadeira Reforma Agrária no país”, aponta, em entrevista

recente ao IHU em que coloca a Lei de Terras , assinada por Pedro II , como uma das causas da desigualdade e, logo, do empobrecimento e da fome Diante da fome real e presente e de uma história de desigualdades , é possível ser feliz? Segundo a pesquisa da FGV Social , coordenada por Marcelo Neri , não. Para o professor, temos vivido os versos de Lupicínio Rodrigues em “ Felicidade foi-se embora ”.

“Começamos com medida geral de felicidade dada por uma nota de avaliação de satisfação com a vida numa escala 0 a 10. Pegando os dados da pesquisa ‘ Como Vai a Vida ?’, lançada pela FGV Social , observamos na pandemia queda sobre queda, pois a nota de felicidade tupiniquim já tinha tido a terceira maior piora entre 130 países nos quatro anos anteriores, de 2014 a 2018. Depois recupera 0,3 pontos em 2019 e tem uma queda de 0,4 pontos em 2020, chegando a 6,1 em 2020, o menor ponto da série histórica desde 2006”, detalha Neri , no texto de divulgação da pesquisa. FOTO: GRAFICO FELICIDADE

Pobreza não é destino Na sua canção sobre a felicidade que se desfaz, Lupicínio Rodrigues fala de uma saudade, talvez saudade de uma terra lá do interior. Terra essa que talvez nunca foi sua, mas que parece claro agora que esse personagem não pode viver mais lá e vem para a cidade, onde a “falsidade vigora”. A falsidade da cidade grande pode mesmo deixar triste, mas sem ter onde descansar a cabeça depois de um dia inteiro, ainda sem a certeza da próxima refeição, pode ser uma dor ainda maior daquele matungo do interior que é jogado na cidade. História que não é nova e que o Brasil acompanhou concomitantemente com o crescimento de suas metrópoles , de empreiteiros que ganham com grandes arranha-céus e retirantes operários que viravam favelados depois da obra pronta. Essa é mais uma face da desigualdade , que se nutre também do individualismo . É nesse sentido que vai o Papa Francisco em sua mensagem para o V Dia Mundial dos Pobres , divulgada no último fim de semana e reproduzida pelo IHU , quando defende que “um estilo de vida individualista é cúmplice na geração da pobreza e, muitas vezes, descarrega sobre os pobres toda a responsabilidade da sua condição”. É por isso que o pontífice defende que é preciso superar essa ideia fatalista de que o destino de uns é ser pobre e de outros é ser rico, como se fosse natural. “A pobreza não é fruto do destino; é consequência do egoísmo. Portanto é decisivo dar vida a processos de desenvolvimento onde se valorizem as capacidades de todos”, dispara. Na mensagem deste ano, Francisco ainda lança um desafio, ao considerar que “impõe-se, pois, uma abordagem diferente da pobreza. É um desafio que os governos e as instituições mundiais precisam de perfilar, com um modelo social clarividente, capaz de enfrentar as novas formas de pobreza que invadem o mundo e marcarão de maneira decisiva as próximas décadas. Se os pobres são colocados à margem, como se fossem os culpados da sua condição, então o próprio conceito de democracia é posto em crise e fracassa toda e qualquer política social”. Ou seja, é trazendo o pobre ao centro que se pode pensar sobre sua condição e como se pode lutar contra ela. Já destacamos no Instituto Humanitas Unisinos - IHU várias análises que dizem que a situação piorou com a pandemia e que a chamada 4ª Revolução Industrial , a qual vinha reconfigurando as formas de trabalho ao ponto de que cada vez um número menor de pessoas conseguem se manter num emprego atualmente, tem agido com mais força sobre esse empobrecimento. Então, como romper com essa ideia de que a maioria está destinada à pobreza? Quem sabe, esse modelo global de enfrentamento da pobreza que o Papa propõe não passa por um antigo debate que a pandemia também trouxe à pauta: a renda mínima universal Para José Antônio Moroni , do Instituto de Estudos Socioeconômicos - Inesc , a experiência do Auxílio Emergencial e do Bolsa Família e o contexto da pandemia provam que essa é uma defesa que tem de passar a ser feita e deve estar na agenda política já no médio prazo. “Nós já temos um ‘embrião” de renda mínima que é o Bolsa Família. Esse programa deve servir como base, assim como o Auxílio, para uma política de renda mínima ”, sugere, em entrevista concedida ao IHU Confira outras discussões do IHU sobre renda mínima O risco da “recuperação em K” e o aumento das desigualdades Enquanto muitas análises indicam a necessidade de uma renda mínima , o atual governo parece estar mais preocupado em angariar recursos para manter o Auxílio Emergencial que, embora seja algo para quem não tem nada, não resolve o drama da fome e tampouco o do empobrecimento congênito da população . Mas, não é à toa, pois já é evidente que o presidente Jair Bolsonaro opera essa como mais uma forma de assegurar uma reeleição. É por isso, também, que o governo vibra com um PIB de 1,2% que sequer faz diferença para os mais pobres. Segundo o economista André Calixtre , “a hipótese da ‘ Recuperação em K ” está cada vez mais clara para o Brasil ”. Na breve entrevista a seguir, concedida por e-mail ao IHU , analisando esse aumento da desigualdade a partir das pesquisas da FGV Social , ele explica que esse padrão de recuperação em K “é dado pela concentração de capital , fusão e aquisição das grandes empresas e falência de pequenos negócios, melhorias da rentabilidade e lucratividade do capital e até mesmo aumento da produtividade”. Assim, “os frutos desse progresso não são mais nem parcialmente apropriados pelas populações pobres

ou mesmo pela classe média, gerando um fenômeno contraditório de crescimento econômico com diminuição do bem-estar". Waldir Quadros, outro economista provocado pelo IHU para uma rápida análise em entrevista por e-mail, também insiste que esse "pibinho" não chega nas "atividades geradoras de emprego, particularmente comércio e serviços". Ele ainda acrescenta que "o agravamento da crise social sempre tem reflexos políticos" e que, ainda em vista da pandemia, o cenário é desfavorável a uma reeleição [de Jair Bolsonaro]. "Cenário esse que se tornou ainda mais problemático com o retorno do ex-presidente Lula ao páreo eleitoral. As camadas populares conservam vivas na memória as muito melhores condições de vida vigentes em seus governos. Tudo isso se reflete no comportamento das várias pesquisas de opinião. Porém, são muito preocupantes as constantes ameaças à lisura das eleições e ao acatamento dos seus resultados", analisa. A psiquiatra Vera Garcia da Silva reitera a tese de que os mais pobres "já sofriam com a "epidemia do descaso", com o "vírus da indiferença e do preconceito", e "entregues à própria sorte". A partir dessa mesma provocação feita aos economistas pelo IHU, ela analisa que "o sentimento de desamparo e não pertencimento ao establishment os obriga a criar mecanismos próprios de sobrevivência, tanto do ponto de vista social como individual". Ou seja, a questão passa a ser muito mais de sobrevivência, e a felicidade passa a ser algo muito distante, o que não quer dizer que falte afeto. "Muitas dessas pessoas residem agrupadas em família, em moradias precárias e pequenas, onde às vezes falta comida, mas sobra afeto para protegê-las contra os impactos da pandemia", acrescenta. André Bojikian Calixtre é graduado em Ciências Econômicas e mestre em Economia Social e do Trabalho e doutorando em História Econômica pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. Atualmente é técnico de Planejamento e Pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - Ipea. Waldir Quadros é graduado em Economia pela Universidade de São Paulo - USP e mestre e doutor em Ciência Econômica pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, onde atualmente é professor associado do Instituto de Economia. Vera Garcia da Silva é médica especialista em Psiquiatria pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, possui MBA de gestão em saúde pela FGV e observership no Jackson Mental Health Hospital, da Universidade de Miami. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Segundo pesquisa da FGV Social, o índice de Gini, que mede a desigualdade, cresceu para 0,674 no primeiro trimestre, contra 0,642 do ano passado, registrando novo recorde histórico de aumento das desigualdades no Brasil. O que isso significa no atual contexto e para a realidade concreta das pessoas que vivem nessa situação? André Calixtre – Primeiramente, esse oportuno estudo publicado pelo professor Marcelo Neri mostra apenas a dimensão da desigualdade das rendas do trabalho, portanto, não estamos tratando ainda do impacto das transferências diretas na renda total percebida pelos indivíduos durante a pandemia, especialmente o Auxílio Emergencial. Essa ausência é perfeitamente justificada pela indisponibilidade de dados sobre as outras fontes de renda que o brasileiro recebeu em 2020 e 2021, cuja publicação compete ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE em seus cadernos anuais da Pnad Contínua. De todo modo, a pesquisa lança luz sobre um fenômeno que temos observado no mercado de trabalho na pandemia: o seu brutal encolhimento, representado pela saída de milhões de trabalhadores informais da atividade econômica. As variáveis estão muito confusas na pandemia, pois, paradoxalmente, houve aumento da formalização da população ocupada em conjunto com o aumento da população desempregada e da população fora do mercado de trabalho. Esse fenômeno, característico de 2020, explica tanto as melhorias das condições aparentes do mercado de trabalho que sobreviveu à pandemia, mas também o imenso desastre que a ausência de políticas públicas efetivas para o controle da pandemia provocou nos postos informais de trabalho. Como o setor formalizado da economia conseguiu se proteger mais do que o setor informal, às custas de um forte processo de quebra das empresas pequenas e médias em favor das grandes, a distribuição salarial da renda piorou muito, pois estamos assistindo ao ocaso da economia popular montada nas últimas décadas, logo uma forte pauperização das rendas do trabalho dos estratos mais baixos da distribuição. Esse processo já estava em curso antes da pandemia, desde a reforma trabalhista e a emenda do teto de gastos implementadas pelo governo Temer, mas a desorganização pandêmica acelerou a expulsão do setor popular do mercado de trabalho para a inatividade. Provisoriamente, esse contingente populacional imenso pôde sobreviver graças ao Auxílio Emergencial, especialmente quando este estava no valor de R\$ 600,00 no início da pandemia. No entanto, o governo Bolsonaro não conseguiu proteger estruturalmente o setor de serviços, impactado pelo atraso na vacinação e nos sinais trocados emitidos contra um fechamento profundo, mas curto, das atividades, deixando esse setor vulnerável ao "abre e fecha" das ondas de contaminação descontroladas. Essa população de trabalhadores, informal, precarizada, mas que teve aumento real da renda do trabalho nas últimas décadas, está fora do jogo do novo padrão de

crescimento que está se abrindo com o controle tardio da pandemia. Estamos assistindo à construção de um padrão de crescimento econômico profundamente excludente e gerador de desigualdades

Waldir Quadros - O crescimento do índice de Gini reflete o comportamento dos rendimentos e a piora das condições sociais, particularmente no que diz respeito às camadas populares, as quais, sem dúvida, são as mais afetadas pela pandemia e seus impactos econômicos sobre uma situação que já era bastante problemática. Avançam o desemprego, a informalidade, as carências alimentares e a fome, o aumento da população desabrigada, entre outras mazelas. Além, é claro, da brutal mortandade provocada pelo criminoso descaso governamental em relação à Covid-19

Vera Garcia da Silva - A pandemia da Covid-19 veio aprofundar as condições de desigualdade social que já existiam. A crise econômica gerada pela necessidade de isolamento social e a falta de políticas públicas eficazes de distribuição de renda, de segurança, de saúde, de educação de qualidade e de moradia popular agravaram problemas sociais crônicos de violência, fome, desemprego e doenças

IHU On-Line - Em contrapartida, no cenário nacional, comemora-se um aumento do PIB. O que o crescimento do PIB representa em termos de redução das desigualdades? De que modo ele impacta a vida dos pobres e miseráveis? André Calixtre – A hipótese da "Recuperação em K" está cada vez mais clara para o Brasil. Esse padrão é dado pela concentração de capital, fusão e aquisição das grandes empresas e falência de pequenos negócios, melhorias da rentabilidade e lucratividade do capital e até mesmo aumento da produtividade. No entanto, os frutos desse progresso não são mais nem parcialmente apropriados pelas populações pobres ou mesmo pela classe média, gerando um fenômeno contraditório de crescimento econômico com diminuição do bem-estar

Evidentemente que este padrão é politicamente determinado, tanto pela estrutura institucional que foi erguida após o golpe de 2016 e continuada pelo ultraliberalismo do governo atual, quanto pelas escolhas político-sanitárias adotadas na pandemia, que privilegiou sistemas individuais de acesso à renda emergencial em detrimento de todo o sistema de assistência social disponível. Não é mera coincidência ver as filas de pessoas desesperadas nos bancos públicos em busca da validação de seu cadastro em um aplicativo de celular para receber o Auxílio Emergencial, que representa a sua sobrevivência exclusiva em uma sociedade que simplesmente destruiu seus postos de trabalho. Essa imagem do cidadão individualizado e refém de um aplicativo demonstra claramente o desenho de política social dado pelo golpe de 2016, que é o oposto dos princípios da humanização, da busca ativa do cidadão desamparado e, portanto, de uma política social que buscava estar presente na realidade concreta da pessoa detentora de direitos. No fundo, quero dizer que o que estamos assistindo com a pandemia não se trata de um fenômeno passageiro, emergencial e, sim, da aceleração do novo modo de organização da sociedade ultraliberal. Os impactos desse novo modelo serão profundos para a vida dos pobres, ao ponto de excluí-los das oportunidades de ascensão social pela via do trabalho e da imposição de um regime de transferência de renda que, quando antes estava associada complementarmente ao mundo do trabalho, agora seria o único meio de vida e, por isso, nunca estaria a par da subsistência mínima proporcionada pela sociedade do trabalho. Esse é um ponto crucial para se pensar novos modelos de desenvolvimento que rompam com a lógica predatória do indivíduo e ofereçam novamente a oportunidade ao cidadão comum de ascender pela via do trabalho com políticas sociais eficientes e que o auxiliem nessa jornada.

Waldir Quadros - A recente expansão do PIB não atingiu as atividades geradoras de emprego, particularmente comércio e serviços. Assim, embora o crescimento econômico sempre seja desejável, ele ainda não contribuiu para minorar a gravidade da crise social

Vera Garcia da Silva - O aumento do PIB não diminui o problema estrutural da desigualdade social brasileira porque o desemprego e a alta da inflação, especialmente com aumento de preços dos alimentos, afetam principalmente os mais pobres. O valor do Auxílio Emergencial não é suficiente para suprir as reais necessidades da população carente

IHU On-Line - Quais os efeitos psicológicos dessa realidade, particularmente para aqueles que haviam melhorado de vida e se veem mergulhados novamente na pobreza ou em uma situação de vulnerabilidade social e econômica? Vera Garcia da Silva - Os brasileiros de maior vulnerabilidade social e econômica já sofriam com a "epidemia do descaso", com o "vírus da indiferença e do preconceito", e entregues à própria sorte. O sentimento de desamparo e não pertencimento ao establishment os obriga a criar mecanismos próprios de sobrevivência, tanto do ponto de vista social como individual. Muitas dessas pessoas residem agrupadas em família, em moradias precárias e pequenas, onde às vezes falta comida, mas sobra afeto para protegê-las contra os impactos da pandemia

Por outro lado, estudos revelaram que mulheres, geralmente sobrecarregadas com multitarefas, pessoas sem filhos e portadores de doenças crônicas prévias tendem a perceber a pandemia de forma mais drástica e são mais suscetíveis à depressão, ansiedade e abuso de drogas lícitas e ilícitas, compulsão por comida e estresse acentuado.

IHU On-Line - Como o aumento da pobreza e das desigualdades pode repercutir nas eleições de 2022? André Calixtre – Não tenho ainda clareza sobre o cenário de 2022 . É preciso vencer as condições dadas pelo ano presente, que não garantem nem mesmo o crescimento econômico desejado pelo grande capital. É preciso lembrar que estamos no início da terceira onda de contaminações, que espero seja menos letal em razão da vacinação da população de maior risco, ainda que em atraso. E há o risco real de racionamento energético, que pode impactar duramente a capacidade de recuperação econômica em si. Ademais, temos que considerar a maior taxa de desemprego da história, aumento das desigualdades salariais , o retorno da fome e da pobreza extrema , especialmente se o Auxílio Emergencial não prosseguir até o final da pandemia . Desde a pandemia , mais da metade da população em idade ativa estava ou fora do mercado de trabalho ou desempregada ; há, portanto, um contingente inédito de pessoas que se encontram apartadas do regime de crescimento econômico , seja ele qual for, e isso é, por si mesmo, um problema estrutural e inescapável para ser enfrentado por qualquer tipo de governo, mesmo o mais negacionista. Waldir Quadros - O agravamento da crise social sempre tem reflexos políticos. Junto com a catástrofe da pandemia , o cenário é altamente desfavorável para o governo e a reeleição do atual presidente. Cenário esse que se tornou ainda mais problemático com o retorno do ex-presidente Lula ao páreo eleitoral. As camadas populares conservam vivas na memória as muito melhores condições de vida vigentes em seus governos. Tudo isso se reflete no comportamento das várias pesquisas de opinião. Porém, são muito preocupantes as constantes ameaças à lisura das eleições e ao acatamento dos seus resultados. Vera Garcia da Silva - Eu sou fascinada por política, pelo seu dinamismo e complexidade, características que a tornam um espelho da condição humana. Muitas vezes, conseguimos juntar todos os elementos para concretizarmos um determinado projeto e, aos 45 minutos do segundo tempo, surge um fato inesperado que muda tudo. Acho que quando pensamos em eleições , especialmente na era digital, apesar de projetarmos alguns desfechos, temos que estar atentos porque uma simples fake news lançada na mídia no último minuto, pode mudar o resultado final e afetar negativamente nossas vidas por muitos anos. Leia mais



André Calixtre (Foto: Arquivo pessoal) Waldir Quadros (Foto: Unicamp)



Vera da Silva (Foto: Arquivo pessoal)



